

ARTIGO E ENSAIO

Tania Galli Fonseca

Estranha Beleza e a Beleza do Estranho¹

Resumo

Procuramos traçar algumas notas a respeito do percurso do artista Luiz Gonzaga, desde nossa recepção à exposição de suas obras no evento Percurso do Artista realizado em 2014. Buscamos associar vida e obra sem a preocupação de coletar dados biográficos detalhados e cronológicos, mais ao modo de um biografema, como nos diz Barthes, uma vez que dificilmente a biografia de um homem poderá vir a ser totalmente apreendida. O percurso do artista revela-se como sua pulsão criadora e narrativa, destaca-se como expressão do fracasso de suas realizações, uma vez que, mesmo satisfeito com sua última realização ele se vê compelido a dizer mais uma vez, a buscar em suas inquietações respostas que sabe serão sempre incompletas aos silêncios que povoam a si e ao mundo. Dizer uma vida de artista seria afirmar, assim, esse amor ao estranho por ele alimentado e que finda por se tornar seu próprio alimento.

Palavras-chave

Luiz Gonzaga; Vida e Obra de arte.

1. Trabalho apresentado no dia 21/ agosto/2014, na Sala Fahrion/UFRGS, Mesa redonda a respeito do PERCURSO DO ARTISTA- LUIS GONZAGA, com curadoria da profa. Dra. Blanca Brites/IA-UFRGS.

Como citar:

FONSECA, Tania Galli. Estranha Beleza e a Beleza do Estranho. *Porto Arte: Revista de Artes Visuais*. Porto Alegre: PPGAV-UFRGS, v. 22, n. 36, p.1-7, jan.-jun. 2017. e-ISSN 2179-8001. DOI: <http://dx.doi.org/10.22456/2179-8001.76987>

BELEZA EMUDECIDA E PACIENTE COMO ESPERA E PROMESSA

Há anos convivo com vultuosas esculturas de Gonzaga. Elas ocupam espaços de minha casa e compõem-na com uma coleção variada de uma pequena multidão de obras de artistas. Como presenças mudas no cotidiano da família recebem olhares curiosos de algum visitante que nos chega. Nessas ocasiões, também nos fixamos a olhá-las de modo lento, por vezes as tocamos e as acariciamos, retendo em nós sua bela textura e cores, mais uma e mais outra vez. O calor de nossa respiração as suspende em uma aura. Por nosso olhar capturado, somos novamente, nesses momentos, arrastados pela estranha beleza de tais figuras, para o longínquo que as envolve, para duração que delas emana. O que se vê, também nos olha, lançando-nos disparos silenciosos e atmosféricos que reanimam nosso encantamento e revelam surpresas reservadas em sua materialidade. Mudas e imóveis, as grandes figuras de Gonzaga saltam sobre nossos passos como que à espera de seu desencantamento. Aguardam, pacientes, sua nova aurora, respeitam a noite que lhes impomos no dia-a-dia pelas correrias de um tempo que nos aflige. Imponentes e dignas, elas se postam na casa como reservatórios de afetos e percepções alargadas. Contemplam-nos em nossa faina diária, à espera, quem sabe, de que, em algum momento, algo nos desviará para o seu encontro em que, como à beira de um rio, nos inclinaremos para beber água pura e refrescar o cansaço das repetições dos dias. No mais das vezes, nosso desvio em sua direção se dá sem palavras, como em uma oração. Com um toque, com um olhar, com um gesto sem palavras constatamos, alegres, que elas estão perto de nós. Nós as amamos por sua presença, por estarem conosco em nosso dia-a-dia. Elas não funcionam como ornamentos, aderem a nós como uma espécie de vida contagiante que possui a potência de expandir a nossa própria. Como se tivessem sido feitas para momentos especiais, como se sua função fosse a de tornar especial o nosso próprio tempo vivido, elas não se deixam banalizar. Inapagáveis, mesmo que por vezes habitantes da noite de nosso olhar apressado, elas ali estão e se colocam como dispositivos de nossa memória, de nossa imaginação, de nossos devaneios e de nossa sensibilidade.

Falar algo sobre a obra de Gonzaga torna-se importante, pois, tal como aqueles momentos de lentidão pensativa e sensível que roubo de meus dias

apressados, nessa oportunidade eu encontro a ocasião de também vir a expressar em palavras aquilo que em mim é mobilizado pelas obras desse querido colega, Professor e Artista.

UMA ESTRANHA BELEZA



Figura 01: GONZAGA, Luiz. *Processo Criativo do Artista*. Porto Alegre. Data: 23.set.2014. Foto de Maciel Goelzer. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ufrgs/noticias/etapas-e-elementos-das-criacoes-do-artista-plastico-luiz-gonzaga> Acesso em: set. 2017.

A biografia de um homem² dificilmente poderá vir a ser totalmente revelada. Não por seus segredos, sequer pelo conjunto total de suas ações. Sempre parcial, apenas depreende-se de uma vida aquilo que ela produz como sua obra que, aqui, não significa apontar quantitativamente o que foi produzido e sim, reconhecer como obra somente aquilo que porta o que se pode chamar de duração. Ou seja, torna-se a obra de um autor aquilo mesmo que brota de seu silêncio e que, como linguagem incessante, produz no mundo dos receptores mais e mais efeitos, reverberando versões, abrindo-lhe novos possíveis de interpretação que escavam seus vazios que ainda resistem e insistem nas expressões já efetuadas. Uma obra, nesse caso, também apaga o nome do próprio autor, à medida que se oferece ao mundo como um longínquo a ser alcançado e tornado impossível de alcançar a cada tentativa. Incessante e grande horizonte, sempre recuante, a obra age como um contratempo, como um contra espaço, pois, ao mesmo tempo em que se oferece às apreciações também se recusa à entrega total. Resiste ao espaço-tempo presente para condensar em si algo de uma atualidade complexa que se faz como jorro de um tempo cindido entre passado e futuro. Ela pertence ao cristal do tempo, age a contrapelo de uma história pessoal e atual, contrai em si multiplicidades formadas pelos acontecimentos de uma vida que é bem mais larga do que a existência dos homens mortais.

2. Luiz Gonzaga Mello Gomes - Júlio de Castilhos, RS – 1940. Escultor. Forma-se no curso de artes plásticas da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 1966, aperfeiçoando-se em escultura dois anos depois. Durante esse período frequentou o atelier de Christina Balbão. Em 1973, faz o curso de tapeçaria com Yeddo Tietze no Centro de Artes da Universidade Federal de Santa Maria. Bolsista entre 1978 e 1979, na Escola de Belas Artes de São Fernando, Universidade Complutense de Madrid, Espanha, onde fez especialização em pintura mural. Atua, a partir de então, como professor no Centro de Artes da UFSM e, em 1985, transfere-se para o Instituto de Artes da UFRGS. Participa da IX e XXI Bienal Internacional de São Paulo, 1967 e 1991; do XVI e XXII Panorama de Arte Atual Brasileira, no MAM, São Paulo, 1985 e 1991, e da Arte Sul 89, no MARGS, Porto Alegre, 1989. Autor do monumento Sabedoria no jardim da reitoria da UFSM, 1977; do monumento ao Memorial dos Mortos Desaparecidos Políticos, no Parque Marinha do Brasil, Porto Alegre, 1995, e do painel em relevo na estação Ana Rosa do Metrô de São Paulo.

Dizer uma vida, com esse artigo indefinido, significa apontar para as reservas de infinito no finito, para o ilimitado no limitado, significa a confiança de que a obra provém e é destinada à amplitude e à expansão de seus sentidos para muito além dos possíveis que viemos atribuir-lhe. O percurso do artista revela, nesse sentido, sua saga em direção a esse infinito, revela-se como sua pulsão criadora e narrativa, destaca-se como expressão do fracasso de suas realizações, uma vez que, mesmo que satisfeito com sua última realização ou mesmo com o conjunto já produzido, o artista se vê compelido a dizer mais uma vez, a fazer de outra maneira, a buscar em suas inquietações, respostas que ele sabe serão sempre incompletas aos silêncios que povoam a si e ao mundo. Dizer uma vida de artista seria afirmar, assim, esse amor ao estranho por ele alimentado e que finda por se tornar seu próprio alimento. Como um grande tradutor de afetos, o corpo do artista se faz ferramenta para operar criações de novos mundos de imagens. Corpo-de-passageiro de forças anônimas e inumanas, o artista doa-se para sua obra, ela se avulta como um acontecimento que se torna, ele próprio, o rio onde o artista se encontra mergulhado. Uma inversão, então, acontece. Não mais é o homem e o rio, agora, é o rio no homem.

Gonzaga é um artista dessa linhagem. Produtor de um Fora do homem, não se satisfaz em configurá-lo apenas como forma acabada. Procura, por sua exploração sensível e intuitiva, o grande jogo do real, buscando nesse não apenas aquilo que nos aparece como evidência. Gonzaga perscruta os caminhos do avesso do homem, lançando-o para além do demasiado humano. Perfeito articulador entre humano e inumano, esse artista nos lança a realidades transcendentais. Fincando em nós a natureza antes de ser tornada humana, tece uma espécie de narrativa da pré-história do homem, aponta, com suas mãos pensantes, a complexidade de nossa constituição que, uma vez tendo se tornada humana, esqueceu-se de suas multiplicidades animais, vegetais e minerais. O inumano no homem é o que nos aponta a obra de Gonzaga que, como um narrador de tempos ancestrais, funde-os para compor os tempos imemoriais de nossa espécie. O não-homem no homem, tal como diria Blanchot³, tal como lemos em Kafka⁴. Essas zonas de silêncio e, contudo, atuantes em nosso inconsciente primordial, se tornam pulsantes para a obra de Gonzaga. Nesse sentido, não seria possível deixar de lembrar aquele banho de rio a que ele, como ainda menino, se refere. O lodo lamacento sob seus pés propiciou-lhe um acontecimento vital, o de sua conexão com o caos criador. Desde então, ele se tornou o homem-rio, tendo o rio e seu lodo assumido o comando de suas forças, querendo, em sua mudez, serem tornados expressão. Gonzaga acorreu a esse chamado. Deu-lhe ouvidos e mais. Dedicou sua vida ao mesmo. Espera e promessa, talvez, tenham sido as palavras importantes que o impulsionaram. Sentiu seus pés em solo lamacento e de seu

3. BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____, *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

4. KAFKA, Franz. *A metamorfose*. São Paulo: Hedra, 2009.

corpo envolto nas águas, sentiu que dali poderia surgir um demiurgo, um criador de mundos, que não nos apressamos em dizer surreais, mas fantásticos. As figuras, saídas de sua imaginação alagada e alargada e ainda lamacenta, nos mostram o que aquele banho de rio apontou-lhe para uma existência inteira: olhou, então, o mundo ao seu redor, especialmente para o da natureza, para as fases do dia, para a seiva da terra, para as sementes e sua germinação, para os curvos da natureza, dos corpos e dos aconchegos, para a noite crispada por chifres, para o grande noturno, para o orvalho, para os sons da floresta. Sentiu o aguilhão de seu destino, o de fundir-se com essas matérias, o de problematizá-las criticamente em suas figurações, o de tornar-se, enfim, uma espécie de mensageiro de um tempo esquecido mas encarnado, encetou sua busca de um tempo perdido. Como Proust⁵, mas ao seu modo, Gonzaga tornou-se um buscador daquilo que os processos de humanização fizeram o próprio homem esquecer de si próprio. Inventou imagens impregnadas dessa mensagem, imagens de uma ausência operada pelo homem contra suas origens lamacentas. Sua linguagem, sempre crítica, no entanto sempre foi também terna. Não há gritos estridentes em suas formas, apenas uma germinação estranha brota das mesmas, um contorno humano permite a ideia de um conteúdo animal e vegetal e ainda, a sua fantástica pequena mesa na qual se encontra pousada uma pequena bigorna e da qual diz-se que se pode ouvir sons da natureza nua e cruel onde se engendra a vida.

Suas figuras têm verso e averso. E ambos diferem, como se nos mostrassem o direito e o avesso de nossa visão, como se atestassem para o fato de que somos duplos, mesmo quando queremos ser coerentes e identitários. Em Gonzaga, encontramos imagens que nos remetem ao político de nossa existência, ao direito de ir e vir, que se traduzem em grandes e sutis arcos de ferro postos no vazio do espaço. Sua alusão aos ritos seminais e germinativos, ao desenvolvimento da vida, não o impede de ver os próprios homens aprisionados em grandes arcos de passagem.

Aliás, suas evocações ao mundo natural, sempre têm sua aparição em contornos humanizados, indissociados da visão humana, do mundo humanizado, ao qual ele dispara, de forma transversal, suas flechas. O ir e vir do homem



Figura 02: GONZAGA, Luiz. *Os sons da floresta, em certos momentos II*. 1999. 1 Escultura em bronze policromado, 94 x 72 x 39 cm. Fotografia: Pierre Yves Refalo. Disponível em: http://www.gonzagaartistaplastico.com.br/site.asp?link=obras/1986_01.html. Acesso em set.2017.

5. PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido*. O tempo redescoberto. São Paulo: Globo, 1998.

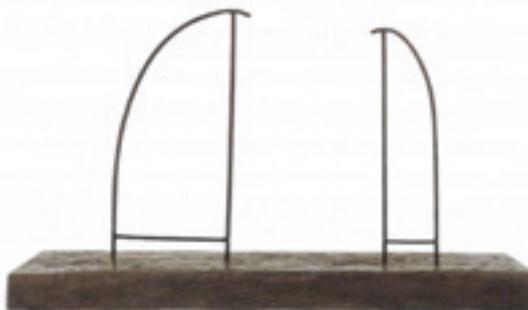


Figura 03: GONZAGA, Luiz. *Rito de passagem: o direito de ir e vir*. 2001. 1 Escultura em bronze policromado, 32 x 53,5 x 23,5 cm. Fotografia: Pierre Yves Refalo. Disponível em: http://www.gonzagaartistaplastico.com.br/site.asp?link=obras/1986_01.html. Acesso em set.2017.

refere-se ao postulado básico de sua obra: ir e vir no tempo, estar e não estar no espaço, libertação das cadeias já significadas, o homem, enfim, traçado como um por vir, como passagem, como devir.

Ler os signos do mundo de modo transcendental seria, ainda, o que temos a dizer da obra de Gonzaga. Dizemos transcendental, porque não se trata de uma busca transcendente-ideal ao mundo em que estamos afundados. Trata-se, sim, de uma busca e de uma luta pela imanência, para fazer refluir aos rios da existência humana o esquecimento daquilo que a funda e que também a a-funda em um universo anônimo, impessoal e a-significante. No mundo das imagens de Gonzaga, vemos o mundo antes da linguagem, antes dos significados discursivos, temos o mundo dos signos da arte que extravasam as significações, as subjetivações e os juízos morais.

Figura 04: GONZAGA, Luiz. *Série fases do dia*. 2002. Esculturas em resina e ferro, 245 x 159 x 20 cm cada. Fotografia: Pierre Yves Refalo. Disponível em: http://www.gonzagaartista.plastico.com.br/site.asp?link=obras/1986_01.html. Acesso em set.2017.



Nesse mundo de tais imagens, compartilhamos nossa existência como matilha. Não se trata mais de um enunciado individual de um certo sujeito. Agora, recua-se o nosso Eu a favor das quinze mil tribos que nos habitam, a favor das potências anônimas que se tornaram nosso legado. Somos, com Gonzaga, animais, vegetais e minerais, somos germinação de dias, de noites, de crepúsculos e de auroras, somos a mesa onde se engendra a vida, somos a passagem entre o ir e vir do que somos e do que estamos nos tornando, somos, enfim, também homem-rio, homem-semente, homem nem masculino nem feminino. Somos potências de devir, reconciliados com nossas forças, apaziguados em nossas conquistas, mas, sempre e sempre, ainda somos e seremos seres da espera e da promessa. Uma aurora espera os homens, a cada um e a cada um de seus tempos, a sua aurora. Devemos também mergulhar no rio da infância.

REFERÊNCIAS

- BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- GONZAGA, Luiz. *Seminal*. Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli/ Secretaria da Cultura/RS. 2002.
- KAFKA, Franz. *A metamorfose*. São Paulo: Hedra, 2009.
- PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido*. O tempo redescoberto. São Paulo: Globo, 1998.

Tania Galli Fonseca

Professora Titular do Instituto de Psicologia da UFRGS, docente e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional/UFRGS, pesquisadora do CNPQ e autora de diversos livros e coletâneas. Coordena o grupo de pesquisa Corpo, Arte e Clínica (www.ufrgs.br/corpoarteclinica), e a Coleção Cartografias, editada pelas editoras UFRGS e Sulina.

(*) texto submetido em 2017.